



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Artigos e Materiais de Revistas Científicas - MAC

2015-08

Anotações de viagem, Lisboa grafitada

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/49123>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

arte
CON
TEXTO

ARTE
PLATAFORMA MULTIMÍDIA
CONTEXTO

- [Home](#)
- [Apresentação](#)
- [Corpo Editorial](#)
- [Revistas](#)
- [Normas](#)
- [Recursos](#)
- [Contato](#)

Site Navigation ▾

- [facebook](#)
- [instagram](#)

[Topo](#)



Anotações de viagem, Lisboa grafitada

• Artigo de [Alexandra Matias de Oliveira](#)

Graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1995), mestrado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2003) e doutorado em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2008). Atualmente, é especialista em cooperação e extensão universitária da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Artes e Comunicações, com ênfase em História da Arte e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: museus, arte brasileira, história e crítica de arte.

Quando se nasce e vive na periferia de São Paulo, a convivência com hábitos culturais distintos é a normalidade. As mil faces da cidade não causam qualquer estranhamento: isso porque as muitas ascendências se desdobram e se completam na malha urbano-cultural. Uma infinidade de migrantes e imigrantes, que já estão na sua terceira ou quarta geração, imprimem à cidade suas memórias, reivindicações e visibilidades. A cidade de São Paulo sente a presença de portugueses, espanhóis, germânicos, belgas, franceses, eslavos, poloneses, russos, árabes, japoneses, coreanos, chineses e, por último, a demanda dos latino-americanos, dos haitianos e dos africanos. E sempre chegam mais. Incorporam e são incorporados ao espaço urbano.

Nessa teia cultural, os imigrantes portugueses seriam mais um dos agentes transformadores e transformados pela cidade? Sim e não. Sim, porque eles estão em todos os bairros da cidade e contribuem de forma definidora para a identidade múltipla de São Paulo. E não, porque não são somente mais um dos agentes: eles se distinguem dos demais porque brasileiros e portugueses têm relações paradoxais (que os aproximam e os distanciam muito). Alguns pontos de inflexão são bastante arraigados, visto a formação de estereótipos étnicos, entre eles, um dos mais fortes é o do “português, dono da padaria, com lápis atrás da orelha”. Das lembranças da infância, nos bairros paulistanos, não há quem não tenha a das figuras do “Seu Manuel” e da “D. Maria” vestidos com roupas pesadas e sóbrias (mesmo em dia de calor intenso), sotaque acentuado, rudeza e seriedade que, por vezes, dá lugar ao sorriso fácil provocado por coisas simples – no fundo, camponeses que se tornaram comerciantes, numa “São Paulo industrial-operária”.

Para além dos estereótipos, as relações históricas entre Brasil e Portugal também marcam a presença dos portugueses na cidade: as aventuras épicas narradas pela literatura e pela história atestam como um país tão pequeno, localizado na Península Ibérica (a ponta do continente europeu), consegue transformar a velha concepção de mundo através da expansão marítima. São os desbravadores portugueses que alargam as fronteiras do Velho Mundo e exploram comercialmente a Ásia, a África e a América. Nesse ponto, vale evocar o “sentimento de metrópole-colônia” no Brasil – algo bastante diverso quando se coloca como parlamento o que acontece com países colonizados pela Espanha ou pela França. Essas antigas colônias ainda hoje se direcionam culturalmente para suas antigas metrópoles. Em boa parte dos países latino-americanos e caribenhos os centros de referência são Madri e Paris, respectivamente. Os brasileiros não! Apesar de o português ser o idioma nacional, esse é distinto por seu acento e há vocabulário e expressões completamente diversas. Os brasileiros conhecem muito pouco da história, da arte e da cultura lusitana. Culturalmente, conhece-se muito mais as matrizes inglesas, francesas e norte-americanas do que as portuguesas. No Brasil, a imagem que, geralmente, se tem de Portugal vem do período do Brasil-Colônia-Império e nunca chega à modernidade (o que dirá à contemporaneidade?).

Os paulistas polifônicos não imaginam a condição contemporânea de Portugal. Seria como se “a terrinha” tivesse parado no tempo. Exceto os que têm laços familiares, os brasileiros raramente escolhem o país como roteiro turístico-cultural. Ligados às tendências internacionalizantes, turistas brasileiros dirigem-se a outros destinos na Europa ou até mesmo nos EUA. Por essa razão, “Portugal contemporâneo” é uma surpresa. O ato de sair da metrópole paulista e desembarcar em Lisboa torna-se um denso exercício de cartografia mental. Segundo REGUILO (2005, p. 202), “(...) a cidade diz e significa coisas diferentes de acordo com o lugar social a partir do qual se experimenta (...)”. Não é mais o imigrante português caricato que está em foco. Em Portugal, é o brasileiro “que fala cantado”, que se torna a caricatura, que se coloca na posição de estrangeiro e estereotipado.

Lisboa vivida, mediada pela identidade brasileira, é reconstruída por uma matriz cultural ressignificada pelo tempo e pelo espaço – um “tempo” que não é o linear e um “espaço” que não é propriamente o geográfico. São conceitos intermediados por memórias afetivas que tentam encontrar, primeiro, as semelhanças entre cidades brasileiras: centro histórico de São Paulo, Salvador ou cidades coloniais mineiras. Segundo, as diferenças, nas quais a condição humana (o ser mulher, jovem, negro e/ou pertencer a grupos étnicos) marca a experiência sobre a cidade e, de algum modo, define a cartografia contemporânea que a cidade oferece. Dos casarões dos bairros centrais, passando pelos “centros comerciais e econômicos”, até os redutos ditos “periféricos”, a cidade mapeia-se de modo mutante e simbólico frente ao estrangeiro.

Da experiência visual à literária, as manifestações artísticas se desdobram para fixar o que é Lisboa contemporânea e o que significa habitá-la (mesmo que de forma temporária). Historicamente, filósofos, escritores e artistas, adeptos de diversas linguagens, desdobram-se em obras que enfocam uma cidade e seus habitantes – sejam essas cidades fictícias ou reais, como é a *República de Platão* ou a *Paris de Balzac*. Imagine a descoberta de uma cidade cercada pelas reminiscências de Fernando Pessoa ou de Camões?! Assim, é Lisboa.

Acréscido dos textos literários está o registro visual impresso nas fachadas lisboetas. Aqui, trata-se especificamente dos grafites (e entre eles, os que trazem a palavra escrita – também conhecidos por pichações). Há uma intensa discussão sobre as diferenças que circundam o conceito de grafite e pichação. Alguns autores colocam o grafite como sendo o produto resultante de um projeto artístico elaborado e de valor estético – expressão agraciada pelo poder público e por galerias de arte. Ao passo que a pichação seria o ato de rabiscar ou escrever nos muros e fachadas de forma espontânea, empregando tinta spray, estêncil ou mesmo rolo de tinta – expressão de vandalismo e de marginalidade. No presente ensaio, toma-se a pichação como parte do grafite sem qualquer juízo de valor normatizado pelas regras sociais – o que mais importa é a análise da linguagem como forma de expressão em meio ao cotidiano urbano.

Os grafites, representados pela palavra escrita, tão poderosos e incorporados ao cotidiano de São Paulo, estão igualmente presentes nas fachadas lusitanas. Nesse ponto, o visitante encontra uma possível semelhança entre as duas cidades. Será? O efeito nas paredes portuguesas deixa o estrangeiro em suspense. Acostumado à arquitetura modernista paulistana, ele se incomoda com a intervenção nas fachadas de Lisboa. Isso porque, em São Paulo, muitas vezes, a arquitetura sugere a intervenção do grafite, fornecendo amplas e lisas superfícies em grandes empresas e edifícios projetados para priorizar a sua funcionalidade e não seus ornamentos.

Na contemporaneidade paulistana, os prédios modernos transformaram-se em telas planas e enormes, nos quais o grafite integra a paisagem. Já a arquitetura lusitana é designada pela curva, pelo ornamento, pelo neoclássico, eclético e, muitas vezes, pelo medieval. Grafite nessa arquitetura provoca estranhamento. Quando o grafite interfere nessa fachada seria como tempos históricos se sobrepujassem: a primeira vista d’olhos, a agressão/degradação arquitetônica torna-se maior, isso porque o grafite não adere àquela arquitetura como acontece nos prédios modernistas de São Paulo. Aos olhos estrangeiros, os dois grafites (lisboeta e paulistano) podem ser considerados como tendo razões opostas em suas arquiteturas-suportes.





No grafite, o texto e/ou imagem são concebidos como materialização do discurso e como expressão das ruas. Desde maio de 1968, em Paris, os muros tornaram-se suportes para inscrições e desenhos poéticos e políticos. Essas práxis disseminaram-se pelas grandes metrópoles mundiais, em diferentes estilos (partindo do simples rabisco, sigla, *tags* repetidas que têm o intuito de demarcar território até grandes murais – os designados de obra de arte). A linguagem do grafite pode estar associada a distintos movimentos urbanos, como por exemplo, o *hip hop*, os *punks* e os *skinheads*. Porém, é a vertente do *hip hop* que mais encontra adeptos nas grandes cidades.

Com origem nos guetos norte-americanos nos anos de 1970, essa vertente junta-se à música e à dança para compor sua base. Torna-se difícil ao estrangeiro compreender as conexões de gueto em Lisboa se ele desconsiderar que nem só de fado vive o cenário musical lusitano. Na cidade, o *rap* é a expressão da periferia – tal qual em São Paulo. Os *rappers* portugueses, em geral, são imigrantes ou filhos de pais imigrados, como por exemplo, Boss AC, nascido em Cabo Verde e pioneiro do *rap* em Lisboa nos anos de 1980, ou ainda, Chullage, também cabo-verdiano, que tomou a cena nos anos de 1990. Destaca-se ainda Dama Bete, uma *rapper* luso-moçambicana, reconhecida por ser a primeira MC (mestre de cerimônia) a fechar contrato com uma gravadora multinacional, nos anos de 2000. No *rap* português, a condição de lamento do fado é substituída por letras e melodias que tratam das dificuldades diárias, criticam ações políticas que subjugam os menos abastados e evoca, sobretudo, o desejo de vida melhor.

Então, percebe-se que, vista como ato de manifestação social, a linguagem do grafite vem dominando os grandes centros urbanos mundiais – onde há uma população jovem periférica marginalizada, existe música, dança e grafite. Suas imagens veiculam mensagens divertidas, coloridas, irônicas e descompromissadas. Não seguem os cânones estéticos tradicionais e, muitas vezes, estampam reivindicações políticas e sociais, porém, sobretudo, reivindicam o protagonismo de uma população excluída sobre os códigos visuais da cidade.

Os grafites lusitanos acompanham esse movimento. A população periférica de Lisboa, acrescida da imigração de pessoas das antigas colônias portuguesas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor Leste, Cabo Verde e Brasil) atravessa um difícil momento econômico-social desde 2009, o país enfrenta um das maiores recessões de sua história, acompanhada por uma crise política marcada por críticas às dimensões do Estado português, o qual é acusado de consumir mais da metade da riqueza nacional. Fato é que o país encontra-se fortemente endividado, as taxas de desemprego sobem aceleradamente e a imigração de portugueses para outros Estados europeus muitas vezes se torna a única solução – o processo de exclusão é cada vez maior. A partir desse quadro, percebe-se que os componentes para a expressão do grafite estão vivamente presentes em Lisboa.

Para a população jovem portuguesa, o grafite, como intervenção visual, seja através da arte ou da escrita, representa um signo em diálogo com o entorno que cerca a inscrição na parede. Quando é pichação, ou seja, quando se tem a intenção estética mais acirrada, representada pela expressão da escrita, essa mensagem torna-se profundamente mais agressiva e cabe ao receptor estabelecer as relações e interagir com aquele conteúdo. Quando é lírica compreende elementos portugueses, abarcando itens de uma cultura globalizada que vai além das fronteiras lusitanas, mas que estão presentes e influem no dia a dia dos portugueses. Os atributos de transgressão, insubordinação e, por conseguinte, sedução que o grafite coloca sobre seus receptores estão inteiramente ali.

Se, na contemporaneidade, o conceito de cidade é poroso, o discurso estético contemporâneo também se transmuta, assim como as práticas culturais que o permitem. O primeiro estranhamento que pode surgir quando se destrói estereótipos rasos pode dar vazão a sentimentos ligados a identidades comuns, onde as periferias se reconhecem e adotam linguagens semelhantes. Como índice cultural que conta histórias, memórias e contextos sociopolíticos, o grafite possui em suas bordas conceitos ético-estéticos profundamente imbricados com a questão da territorialidade (e dentro desta problemática, a noção que envolve a cidade e a prática cidadã), porém, ele também se envolve com o que é extrafronteiras.

Em síntese, em Lisboa, particularmente nos bairros centrais, o grafite, em primeira instância faz acreditar que a arquitetura ornamental das edificações sofre e se degrada com as pichações; ao passo que, em São Paulo, a arquitetura modernista parece coadunar para a integração entre grafite e cidade. A primeira impressão se dissolve quando se percebe que os dois grafites são portadores de mensagens semelhantes e de reivindicações igualmente necessárias. Considera-se que nas duas cidades o que realmente existe é o grafite como expressão do contemporâneo em permanente negociação entre vida e arte.

Referências Bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. "Arquitetura e Cultura". IN: ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte Como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994 (Coleção Travessia do Século).

BAUMAN, Zygmunt. *La Globalización. Consecuencias Humanas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas, SP: Papirus, 1992.

BOLÁN, Eduardo Nivón. Democracia, Sustentabilidade e Cultura na Cidade. In: SERRA, Monica Allende (org.). *Diversidade Cultural e Desenvolvimento Urbano*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CANCLINI, Néstor García. O Papel da Cultura em Cidades Pouco Sustentáveis. In: SERRA, Monica Allende (org.). *Diversidade Cultural e Desenvolvimento Urbano*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda, 1993.

CANTON, Katia. Arte para quê? As Narrativas Enviadas do Contemporâneo. In: ARANHA, Camen Sylvia Guimarães & CANTON, Katia. *Espaços da Mediação*. São Paulo: PGEHA/MAC USP, 2011.

HUGHES, Robert. *The Shock of the New*. Londres: Ed. Thames and Hudson, 1995.

OLIVEIRA, Alessandra Matias de. *Poética da Memória: Maria Bonomi e Epopeia Paulista*. São Paulo: ECA USP, 2008 (Tese de doutoramento).

REGUILLO, Rossana. "Utopias e Heterotopias Urbanas – A Disputa pela Cidade Possível". In: SERRA, Monica Allende (org.). *Diversidade Cultural e Desenvolvimento Urbano*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

Lista de Imagens

- 1 **Capa** | Em duas empenas de edifícios na Av. Tiradentes, mesclam-se o desenho influenciado pela pop art e a escrita codificada presente no universo dos pichadores. Percebe-se como essas áreas arquitetônicas funcionam como suporte para a manifestação artística. Grafite no bairro da Luz, área central de Lisboa, técnica spray, julho/2014. Fotografia da autora.
- 2 Na fachada dominada por grandes janelas gradeadas, com revestimento trabalhos em elementos decorativos, o único espaço livre e no topo do prédio é ocupado por uma brincadeira irônica com a máxima de René Descartes "Penso logo existo". Grafite no bairro do Alto Chiado, área central de Lisboa, técnica estêncil, julho/2014. Fotografia da autora.
- 3 No muro, o ícone da história da arte mundial, a Mona Lisa, toma a personalidade de uma dançarina de funk – uma metáfora sobre a união da cultura erudita e a expressão da periferia. Grafite na Av. Dante Pazzanese, Vila Mariana, zona sul de São Paulo, técnica estêncil, julho/2014. Fotografia da autora.
- 4 A apropriação de ícones da cultura também acontece com esse grafite lisboeta. Aqui Edith Piaf surge nos muros com toda a sua dramaticidade. Grafite no bairro do Chiado, área central de Lisboa, técnica estêncil, julho/2014. Fotografia da autora.
- 5 A sobreposição de diversas mensagens surge nos muros da cidade. São marcas e códigos de grupos jovens que desejam despertar assim a sensação de pertencimento. Pichações em muro da Travessa Tim Maia, Vila Madalena, zona oeste de São Paulo, técnica tinta spray, julho/2014. Fotografia da autora.
- 6 A mesma sobreposição acontece nos muros e fachadas lisboetas, porém, a mistura com elementos arquitetônicos da fachada aumenta a sensação de degradação. Grafite no bairro do Chiado, área central de Lisboa, técnica tinta spray, julho/2014. Fotografia de Elaine Maziero.

Revista Arte ConTexto

- REFLEXÃO EM ARTE
ISSN 2318-5538
V.3, N.º7, JUL., ANO 2015
COLECONISMOS, ACERVOS E TIPOLOGIAS COMO PRÁTICA INTELCTUAL E ARTÍSTICA

RESUMO

- O presente ensaio traz reflexões de uma paulistana sobre a cidade de Lisboa e seus arredores. As anotações tratam sobre a quebra de impressões/estereótipos e sobre o sentimento de estranhamento/compartilhamento em duas grandes metrópoles. Abordam ainda a visibilidade de grafites lusitanos, especialmente os que tomam a palavra escrita como forma de expressão. São interpretações que têm como ponto de partida a experiência desse tipo de produção desenvolvida em São Paulo e em sua periferia e, discutem, sobretudo, as relações arquitetônicas, econômicas e sociais que transformam essa produção em expressão da contemporaneidade capaz de mediar relações entre o espaço urbano e seus cidadãos. Nesse contexto, propõe-se que o texto seja visto muito mais como anotações de um diário de bordo voltado à reflexão sobre arte, cidade e memória do que uma investigação propriamente finalizada.

Palavras-chave

- Lisboa
- São Paulo
- Grafites
- Cidade

Copyright © 2013/2015 Arte ConTexto. Todos Direitos Reservados.

Socialize conosco no [Facebook](#) ou no [LinkedIn](#) + [info](#)

Escritório

Dr. Barros Cassal, 666 | 801
Bom Fim - POA

Arte ConTexto Plataforma Multimídia

Quer colaborar? Leia as Normas para envio de material e encaminhe seu texto!
[e-mail](#)

Novidades na revista

- Agenda Cultural [Acesse nossa agenda, sempre tem exposição nova acontecendo!](#)
- Galeria Arte ConTexto A galeria da Arte ConTexto apresenta promissores artistas relacionados com a temática de cada revista. Na revista nº7, estão presentes trabalhos dos artistas **Pedro Hurlpia** (SP), **Adriana Affortunati** (SP) e **Jandir Jr** (RJ). Confira!

Texto em Destaque

- Paola Fabres

Entrevista com Paulo Bruscky: um criador de circuitos informacionais

"Hoje, por exemplo, os acervos de arte correio estão nas mãos dos artistas. Até porque na época nós queríamos permanecer nas margens. Por isso que não mandávamos tanto para galerias e museus, mas para esse perfil de centros de documentação de artistas, arquivos e acervos. Normalmente, locais nos quais os impressos possam ser manuseados, lidos, sentidos. Nada de se colocar luva, de se ver a distância." (Fragmento de entrevista com Paulo Bruscky concedida à Paola Fabres, 2015.)

Instagram

